

O ENSINO DA GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE E A PRÁTICA DOCENTE PARA O DESPERTAR DA CRIATIVIDADE

Carina Copatti*

Resumo: O ensino de Geografia na contemporaneidade exige uma série de atribuições que vão além da mera transmissão do conhecimento. Partindo dessa premissa consideramos a seguinte indagação: Como estimular a criatividade na prática docente na Geografia Escolar contemporânea? Para que ocorra a construção de conhecimentos é necessário refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem considerando a criatividade, a fim de ampliar a participação dos educandos e facilitar a aprendizagem dos mesmos. Desse modo, o presente artigo pretende debater sobre o desenvolvimento da criatividade nas aulas de Geografia, tendo por base a reflexão em torno dos desafios da educação geográfica contemporânea e das possibilidades de ensino-aprendizagem em torno de processos criativos, considerando as diferentes habilidades e capacidades dos educandos na sua formação.

Palavras-chave: Geografia. Criatividade. Ensino-aprendizagem.

Introdução

O processo de ensino-aprendizagem de Geografia no contexto da sociedade atual demanda profissionais preparados e atentos para as rápidas transformações que vêm ocorrendo tanto em esfera local e regional quanto em âmbito global. Para tanto, os profissionais que atuam nessa disciplina, nos diversos níveis de ensino, precisam envolver-se na construção de um ensino que se utilize de ferramentas criativas, tendo em vista a diversidade dos educandos que chegam às instituições de ensino.

Nessa perspectiva pretendemos refletir a partir da seguinte questão: Como desenvolver a criatividade na prática docente na Geografia Escolar contemporânea? Nesse contexto, pensar o ensino de Geografia para o desenvolvimento da criatividade implica em reflexões sobre as possibilidades de atuação dos professores que mediam o processo de ensino-

* Professora da rede municipal de ensino do município de Charrua/RS. Professora substituta na área de Geografia Humana do curso de Geografia da UFFS-Campus Erechim/RS. Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo e graduada em Geografia pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 2010). Especialista em Metodologia do Ensino de Geografia (Uniassevi, 2011). E-mail: c.copatti@hotmail.com.

aprendizagem, tendo em vista a construção de uma educação que valorize as habilidades dos educandos, incentivando-os a serem protagonistas de sua própria formação, ressignificando sua aprendizagem.

Formar para a cidadania é um dos objetivos que precisam ser elencados no ambiente escolar, no entanto, a construção de diferentes conhecimentos, por meio de conteúdos e de valores subjetivos, demanda o empenho dos profissionais para que, de fato, uma aprendizagem significativa se efetive.

Com esse intuito pretendemos utilizar-nos de reflexões sobre os avanços da Geografia Escolar e seu papel na contemporaneidade, considerando a criatividade na prática docente, para que sejam desenvolvidas habilidades que contribuam com esse processo. Nesse processo, consideramos a necessidade de maior abertura dos professores para conhecer e de fato compreender seus educandos, dando-lhes subsídios para o seu desenvolvimento pleno no ambiente escolar.

1 Reflexões sobre os desafios da geografia escolar na contemporaneidade

A Geografia, do ponto de vista epistemológico, como afirma Lessan (2009, p. 26) é entendida como a representação (grafia) da Terra (geo). Essa é uma definição um tanto simples, mas refere-se a uma grande complexidade de considerações. Entre outras definições, consideramos a Geografia o estudo das relações entre sociedade e natureza, as apropriações, as modificações, os diferentes contextos em que vivem e relacionam-se os seres humanos, assim, é compreendida como uma ciência social por interpretar, analisar e compreender a dinâmica que envolve os seres humanos no espaço.

Nascimento (2004, p. 37) considera que:

A condição da Geografia como ciência social é peculiar, incomum em sendo comparadas a das demais ciências, porque ela sempre teve, no centro de suas preocupações, as relações entre o homem e a natureza, por conseguinte, as implicações resultantes da humanização ou socialização do espaço natural.

Conforme as afirmações de Vesentini (1998, p. 8) “o campo de preocupações da Geografia é o espaço da sociedade humana, onde os homens e mulheres vivem e ao mesmo tempo produzem modificações que o (re)constroem a cada momento”. Todo e qualquer espaço ocupado por sociedades humanas implica relações homem-natureza e cabe à Geografia

refletir e debater sobre tais relações tendo em vista a construção de conhecimentos e a compreensão da grande diversidade presente em nosso planeta.

Desde o seu surgimento como ciência, a Geografia sofreu inúmeras transformações, precisando constantemente readequar-se a fim de atender as mudanças ocorridas durante esse processo.

Os primeiros conhecimentos em torno da Geografia surgiram ainda na Grécia Antiga, por volta do século V a.C. Como afirma Nascimento:

A história da Geografia está implicitamente associada à história da humanidade, às suas relações com a natureza, à sua evolução. O “instinto geográfico”, ou seja, o sentido de orientação, de localização e de mobilidade no espaço terrestre não integra somente a natureza humana, já que os animais também o possuem em graus diversos. No homem, todavia, esse sentido é trabalhado na razão, para atender, sejam as necessidades elementares de sobrevivência, sejam as necessidades secundárias ou artificiais, cada vez mais complexas e numerosas, decorrentes das características culturais dos grupos ou das sociedades. A Geografia, como produção intelectual, como teoria, conhecimento sistematizado e registrado (inclusive sua denominação), surgiu na Grécia Antiga, tendo como motivação básica o comércio através dos mares. Na Grécia, surgiram também a democracia, a filosofia, a história e o teatro.

Apesar dos conhecimentos já obtidos e sistematizados em torno da Geografia, foi somente no século XVIII que a Geografia foi reconhecida como uma ciência autônoma. Os conhecimentos geográficos foram ampliados no decorrer dos séculos, tornando, assim, a Geografia uma ciência cada vez mais complexa e dotada de desafios, exigindo constantes readequações decorrentes do desenvolvimento sociohistórico de cada época.

Sua readequação considera as construções e reconstruções da história humana no espaço geográfico e as relações que o homem exerce no meio onde vive e em relação aos demais seres humanos. Nessa perspectiva, Andrade (p. 71) considera que:

O desenvolvimento das ciências em geral e da Geografia em particular acelerou-se nos séculos XVIII e XIX, em consequência da expansão do capitalismo. O capitalismo comercial provocaria, a partir do século XV, grande expansão das navegações e, como consequência, o descobrimento dos novos continentes e ilhas, fazendo com que se intensificasse o comércio entre os povos que viviam em condições naturais, e em organizações sociais as mais diversas [...].

No contexto de expansão comercial empreendido pelos europeus, como afirma Nascimento (2004, p. 27), foi por meio das grandes navegações, que ocorreram grandes conquistas entre os séculos XV e XVIII. Nessa época, a burguesia ganhou importância, intensificando ainda mais as relações com povos de diferentes lugares do globo.

O enriquecimento burguês e o desenvolvimento de novas tecnologias impulsionaram a Revolução Industrial na Inglaterra no século XVIII, alterando os rumos do comércio mundial e as relações estabelecidas entre diferentes países, transformando as relações políticas, sociais e culturais no espaço geográfico, o que causou, no século XX, grandes conflitos a nível mundial, alterando territórios, reconfigurando a Geografia mundial.

No desenvolvimento do pensamento geográfico muitas correntes de pensamento surgiram, evidenciando inúmeras tendências no processo de entendimento em torno da Geografia.

Em relação à evolução da Geografia Escolar, Cavalcanti considera que “a história da Geografia como disciplina tem início no século passado, quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico” (2010, p. 18). Mais tarde, conforme a autora, sua função ideológica reaparece, quando seu objetivo caracteriza-se como transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo e de países em particular. Contudo, a necessidade de reformulações na ciência geográfica fez refletir também no ambiente escolar tais necessidades, defendendo a implementação de uma geografia nova em substituição à geografia tradicional.

No âmbito da Geografia escolar essas tendências desencadearam diferentes formas de conceber o processo de ensinar e aprender em Geografia, o que demanda dos educadores constantes análises sobre a práxis educativa. Sendo assim, pensar Geografia no século XXI requer que sejam analisadas as necessidades atuais do ser humano, considerando os avanços científicos, tecnológicos, políticos e econômicos, os quais foram responsáveis pelas rápidas transformações no mundo.

Na atualidade há a necessidade de se pensar uma Geografia que auxilie a compreensão do mundo e de suas transformações. A Geografia Escolar tem um papel desafiador por atuar na conscientização dos educandos, com o intuito de estabelecer relações de respeito e cooperação, vislumbrando relações adequadas com o espaço ocupado e com as diferentes culturas estabelecidas no espaço.

Straforini afirma que “para alguns autores o ensino de Geografia é fundamental para que as novas gerações possam acompanhar e compreender as transformações do mundo, dando à disciplina geográfica um *status* que antes não possuía” (2004, p. 51). No contexto escolar contemporâneo, a ciência geográfica precisa dar conta de um complexo emaranhado de conhecimentos, além das mudanças contemporâneas nas relações homem-espaço, as quais

demandam profissionais capacitados e engajados no efetivo processo de ensino e aprendizagem.

Pensar tais necessidades, nos leva a refletir sobre o papel da Geografia no processo de compreensão das diversidades sociais, culturais, econômicas, políticas e naturais, exigindo constante reconstrução-readaptação dos profissionais dessa área, visto que, a dinâmica social altera-se rápida e intensamente, requerendo a utilização de diferentes recursos educativos que deem conta da complexidade de temas que envolvem o ensino da Geografia Escolar. Nesse contexto, o conhecimento das teorias referentes a prática educativa e sobre métodos e recursos didáticos adequados para a aprendizagem são fundamentais no exercício da docência.

2 A criatividade no processo de ensino-aprendizagem da geografia escolar

No exercício da prática educativa encontramos uma série de desafios que exigem uma profunda reflexão em torno da importância da educação para a formação humana e em torno do processo de ensinar e aprender.

Pensar uma adequada formação dos educandos demanda pensar sobre o papel do educador no desenvolvimento da aprendizagem e no desenvolvimento da criatividade. O professor tem por compromisso o desenvolvimento de suas atividades considerando uma grande diversidade de atores sociais e de necessidades no ambiente escolar, sendo assim, precisa considerar o desenvolvimento das potencialidades dos seus educandos, vislumbrando uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa deve ser considerada, tendo em vista que o processo educativo supõe uma formação de qualidade a todos os educandos. Sousa (2005, p. 50) fez referência a David Ausubel, que pela primeira vez utilizou-se da expressão “aprendizagem significativa”, segundo ele, para que uma aprendizagem significativa aconteça faz-se necessário que a informação fornecida na forma de conceitos seja integrada ao que o aluno já sabe e possa ser expressa por outros símbolos ou por outras palavras. Assim, o educador deve preocupar-se em garantir que a informação fornecida seja um conjunto de conceitos e ideias significativas e não apenas uma mera listagem de fatos.

No ensino da Geografia Escolar, muitos desafios são encontrados no processo educativo, o qual demanda, além de uma sólida formação dos profissionais, uma abertura maior para o desenvolvimento de habilidades que ampliem a promoção da criatividade na sala de aula. Mais do que transmitir conhecimentos aos educandos, Cavalcanti (2010, p. 26) sugere

que devemos propiciar condições para que o educando possa formar, por ele mesmo, um conceito, visto que a transmissão de conceitos de livros ou elaborado pelo professor torna-se ineficaz. Desse modo, contribui para o desenvolvimento do processo criativo do educando. Barreto salienta que:

[...] estudos voltados para a prática de uma educação criativa envolvem uma efetiva e peculiar revolução/transformação do modo dualístico de conceber a realidade humana, que incorpora pensamento e sentimento, objetividade e subjetividade, individualidade e sociedade, convertendo, dialeticamente, as dualidades em totalidades, a partir de um referencial integral da existência humana. Por essa ótica, a educação deve contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos educandos, incluindo as dimensões da intelectualidade, da objetividade, bem como adentrando nos meandros da criatividade e subjetividade humanas.

Pensar em criatividade é algo que exige preparo, tempo, conhecimento, dedicação. Para tanto, o professor precisa continuamente reavaliar-se, compreendendo quais são as suas limitações e quanto ainda pode avançar a fim de melhorar a práxis educativa. Assim, a construção do conhecimento tem no professor a possibilidade de transformação da aprendizagem. Isso se deve ao seu papel mediador, guiando os educandos para um contínuo processo de investigação, dando suporte para que estes reflitam, questionem e tornem a investigar. Ainda, além de construir conhecimentos, saibam formular questionamentos e participem de debates.

A criatividade é parte do processo educativo e deve partir do professor, mas, não somente dele. É importante que no processo de construção do conhecimento considere-se o papel do educando como um sujeito ativo, o qual precisa ser constantemente estimulado a ampliar seus conhecimentos, suas habilidades e potencialidades.

A partir dessa concepção, conforme explica Barreto (2007, p. 3), os processos de ensino e de aprendizagem se relacionam dialeticamente e a compreensão do professor como mediador das construções pedagógicas é fundamental. Não é cabível, nesse caso, o professor não se preocupar no modo como os alunos aprendem, muito menos atribuir as suas fragilidades à deficiência de interesse ou de conhecimentos. Nessa perspectiva, destacamos os novos desafios do professor de Geografia, na formação humana do educando, e não apenas investindo em sua formação teórica. Esta é uma das características que no contexto atual mais se tem necessidade, desenvolver no ambiente escolar a formação de seres humanos criativos, que sejam flexíveis e abertos a novas possibilidades.

A criatividade, segundo Miranda (2005, p. 23) é um “termo que evoca ‘invenção’, do latim *inventre*, correspondente a ‘criar na imaginação’, ‘urdir’, por sua vez, é aquele instrumento do qual dispomos para superar as limitações que comumente se impõe na vida,

assim como no ato educativo”. Urdir é tecer, ordenar, compor entrelaçando. Para Barreto (2007, p. 6):

A criatividade é uma capacidade especialmente humana, que se apresenta como mais um diferencial entre o homem e os demais seres. Os humanos têm o poder de transcender a situação imediata, de abstrair os dados da realidade e criar estratégias inéditas para garantir sua sobrevivência. Essa possibilidade de auto-organização pode ser definida como criatividade.

No processo de ensinar e aprender, a criatividade precisa dispor de invenção, por meio da imaginação e de tecer os conhecimentos, superando os obstáculos, transformando o processo educativo em algo prazeroso e desafiador.

Lubart (2007, p. 80) considera que o ambiente escolar tem um papel crucial no desenvolvimento da criatividade, primeiro porque as crianças adquirem as capacidades e conhecimentos cognitivos na escola, segundo, porque os professores servem de modelo às crianças. No entanto, afirma que o processo educativo pode inibir a criatividade, pois os professores tanto podem valorizar a criatividade quanto podem desenvolver um tipo de ensino que desvaloriza a expressão de ideias criativas na sala de aula.

No ambiente escolar, segundo Lubart (2007, p. 80), ao invés de desenvolver ideias criativas, frequentemente as crianças são estimuladas a encontrar a resposta “correta” ou a memorizar os conteúdos, o que pode trazer angústias e outras dificuldades na aprendizagem. Constatações semelhantes são abordadas por Moraes (1997, p. 50) que refere:

Na escola, continuamos limitando nossas crianças ao espaço reduzido de suas carteiras, imobilizadas em seus movimentos, silenciadas em suas falas, impedidas de pensar. Reduzidas em sua criatividade e em suas potencialidades de expressão, as crianças encontram-se também limitadas em sua sociabilidade, presas à mente racional, impossibilitadas de experimentar novos voos e de conquistar novos espaços.

A atuação dos professores geralmente limita a ação criativa dos educandos por abordar conteúdos bastante teóricos e realizar pouca ou nenhuma atividade prática, em que o aluno precise utilizar-se de suas habilidades inventivas para desenvolver sua aprendizagem.

Nas afirmações de Lubart (2007, p. 80), os profissionais geralmente valorizam características importantes socialmente, mas que não contam para o desenvolvimento da criatividade, também valorizam a tranquilidade e atitudes de conformismo, desconsiderando a necessidade de provocação intelectual. Nesse sentido, Barreto colabora:

Dados como esses nos revelam um grande passo que se impõe ao professor e orientador: transformar sua didática num estilo de ensinar interessante (inovador), instigante (questionador) e inteligente (valoroso), enfim, num ensino criativo. Do contrário, o processo ensino-aprendizagem tende a ser prejudicado pela ânsia do professor em transmitir tudo que vem sendo produzido pela ciência, olvidando-se que a aprendizagem não se dá exclusivamente pelo uso da razão, mas pelo diálogo com a estrutura criativa do ser humano.

Urge a necessidade de repensarmos a atuação docente, tendo em vista a possibilidade de um processo educativo em que também seja contemplada a criatividade dos educandos, possibilitando melhores condições para alcançar uma aprendizagem significativa.

É importante trabalhar uma atitude criativa na sala de aula, visando estimular a participação e potencializar o educando para novas possibilidades de aprendizagem. Para tanto, desenvolver atividades de cooperação, em que os alunos dialoguem, propiciando atitudes de debate, pesquisa e compreensão do conhecimento construído.

A escola desempenha um papel de socialização que precisa ser considerado pelos educadores, isso porque a natureza criativa do ser humano somente se desenvolve no contexto cultural e social no qual está inserida. Para tanto, Moraes (1997, p. 166), ressalta que:

Precisamos repensar a escola, o currículo, as metodologias, os ambientes de aprendizagem, a necessária formação de professores nessa área, de forma a incluir estratégias que cultivem a imaginação, a atividade criadora na sala de aula e incentivem a espontaneidade, a iniciativa, o senso de humor, a curiosidade, o questionamento de si mesmo, criando condições favoráveis para que eles possam criar um espaço de fantasia e o jogo imaginário, para o respeito às diferenças, para a cooperação e o compartilhamento, para aceitação de si mesmos e dos outros. Enfim, um espaço criativo em que a criança realmente se sinta mais feliz e alegre, em decorrência de sua participação em algo criativo, produtivo. Isso demandaria mudanças radicais na estrutura do atual sistema educacional.

A escola é o ambiente em que as relações sociais entre os educandos ocorrem de maneira mais intensa e contínua e, esse ambiente necessita ser repensado. Nesse contexto, a escola é um local de inúmeras possibilidades de desenvolvimento dos seres humanos, num processo em que diferentes habilidades e possibilidades sejam estimuladas.

Na disciplina de Geografia, as atividades desenvolvidas precisam despertar a atenção e a curiosidade dos educandos, em um processo que une professores e alunos num só objetivo que é a aprendizagem de conteúdos, a ampliação de habilidades intelectuais e sociais e a construção de novos conhecimentos, a partir da curiosidade despertada. Como refere Cavalcanti (2008, p. 48) em seus estudos:

O ensino é um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e

participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação do outro. O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual, afetiva e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção; o professor, também sujeito ativo no processo, tem o papel de mediar as relações do aluno com os objetos de conhecimento; a geografia escolar é considerada no processo como uma das mediações importantes para a relação dos alunos com a realidade.

Straforini (2004, p. 51) destaca a necessidade de considerar a realidade do aluno, a fim de construir com ele conceitos que levem em conta o seu presente para pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, pensar no futuro a partir do inconformismo com o presente. Desse modo, atuar no ensino da Geografia demanda o efetivo exercício crítico e criativo, que envolve o desenvolvimento de reflexões em torno de nossas ações no ambiente, possibilitando que os educandos possam repensar sua cotidianidade no sentido de agir criativamente, a fim de reconstruir espaços, redesenhar ambientes, reavaliar atitudes para que uma aprendizagem significativa de fato se efetive.

Para tanto, não há fórmulas prontas nem receitas infalíveis para que um processo criativo se constitua no ambiente da sala de aula, esse é um processo que deve ser pensado, analisado e posto em prática tendo em vista que ele só terá êxito se houver o comprometimento do professor e dos educandos. Barreto (2007, p. 5) salienta:

Porquanto, compactuamos da premissa de que a criatividade é a capacidade que possui um ser humano de favorecer a brevidade da solução de certos problemas, bem como de produzir atos tão ricos quanto úteis; tão belos quanto valiosos e tão significativos quanto apropriados, em função das necessárias e racionalmente justificáveis transformações, tanto individuais quanto sociais, do gênero humano, especialmente, através da educação.

Pensar o ensino da Geografia no contexto atual exige construções criativas em torno de assuntos que norteiam as transformações do espaço e que são essenciais para o entendimento da dinâmica que envolve as relações homem-meio. Nessa perspectiva, o educador precisa estar atento continuamente às possibilidades metodológicas que pode utilizar no processo mobilizador de seus educandos para a construção do conhecimento de maneira criativa.

Consideramos, portanto, que os professores de Geografia possuem um arsenal enorme de possibilidades para desenvolver um trabalho instigante, que contribua para o processo criativo na sala de aula, sendo capaz de construir com cada turma um momento mágico e atrativo, resultando em uma maior aproximação entre educador e educando, ressignificando o processo de ensino e aprendizagem.

3 O estímulo à criatividade nas aulas de Geografia

Pensar a Geografia Escolar no século XXI demanda considerar uma série de fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem e as intensas transformações que configuram estes novos tempos: Maior acesso à informação, mudanças rápidas e constantes, novas configurações nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Como desenvolver a criatividade dos educandos em meio a um processo de desinteresse crescente?

Refletindo sobre algumas dessas questões percebemos o quão importante é a participação do professor nesse processo, a partir de atitudes coerentes e perspectivas inovadoras, acreditando na capacidade de construção e crescimento do educando e, contribuindo, assim, para os avanços educacionais necessários nos mais variados ambientes de ensino.

Desse modo, citamos algumas contribuições possíveis ao ensino de Geografia. Entretanto, é importante esclarecer que nesse trabalho não trazemos nenhuma solução ou “fórmula mágica” para desenvolver a criatividade nas aulas de Geografia. Mas procuramos promover a reflexão no intuito de se pensar algumas possibilidades para o ensino a partir da atuação do professor de maneira comprometida. Alguns pontos importantes:

- a) Utilizar-se de metodologias inovadoras, atualizadas e comprometidas com a realidade atual – Nesse ponto consideramos a necessidade de formação continuada e atualização frequente do professor, bem como de seus instrumentos de ensino e de avaliação, permitindo adequações e atualizações, visto que a Geografia é uma disciplina dinâmica, que requer do professor e dos alunos um constante processo de investigação;
- b) Ter disponibilidade para inovar – É importante que os professores saiam do processo de repetição monótona criando possibilidades de inovação em sua prática docente. Isso é possível a partir da busca por inovadoras e diferenciadas metodologias de trabalho;
- c) Trocar experiências com os colegas – Consideramos essencial a troca de conhecimento, informações e possibilidades de atuação na prática educativa. Porém, inúmeras vezes a interdisciplinaridade e a abertura para o diálogo não ocorrem entre os educadores;

- d) Criar redes de compartilhamento – Da mesma forma como citamos a troca de experiências, faz-se necessário criar redes (virtuais ou pessoais) para colocar em prática o compartilhamento de informações, materiais didáticos, ideias criativas e também para compartilhar dúvidas, preocupações, entre outras situações do cotidiano educacional;
- e) Pesquisar, conhecer e saber utilizar recursos tecnológicos no processo educativo – Temos atualmente uma grande diversidade de recursos tecnológicos disponível que, muitas vezes, não são utilizados pelos educadores. Um dos motivos é a dificuldade de acesso em alguns lugares, outro motivo bastante recorrente é a falta de conhecimento dos educadores de como utilizar os recursos. Um exemplo é como baixar e gravar vídeos e músicas, que poderiam ser utilizados como recursos metodológicos nas aulas;
- f) Aliar a teoria à prática – Atuar somente tendo como propósito as atividades práticas, torna a aula pouco fundamentada. Consideramos também necessário que o professor esteja em constante contato com leituras que fundamentem e legitimem a sua prática educativa; e
- g) Estimular atividades interessantes, inovadoras e criativas – Proporcionar atividades de interesse aos educandos em que seja desenvolvida a sua capacidade criativa é um grande desafio da Geografia na atualidade. Compreendemos que o professor possui inúmeras possibilidades de construir suas aulas a partir dessa necessidade.

O ensino de Geografia precisa fazer parte da realidade do educando e estar em constante conexão com as teorias científicas, aprimorando as possibilidades de desenvolver práticas pedagógicas interessantes a serem exploradas em sala de aula.

Considerações finais

O desenvolvimento de diferentes habilidades no processo formativo dos educandos contribui para o seu crescimento intelectual e pessoal. Utilizando a criatividade na aprendizagem torna-se possível ampliar as habilidades destes, tendo em vista a sua efetiva participação nesse processo. Ao professor cabe instigar o desenvolvimento dos educandos e a ampliação de suas capacidades por meio de processos educativos que considerem a participação ativa dos alunos, tendo como objetivo desenvolver suas habilidades de criação, análise e reconstrução constantes, utilizando-se da criatividade.

As construções de que a aprendizagem dispõe nos auxiliam em nossa formação como seres humanos, transformando-nos de simples criaturas em seres lapidados, transformados e, de certo modo, mais confiantes de nossas capacidades. Desse modo, considera-se essencial refletir o processo de ensino e aprendizagem e as necessidades dos educandos, a fim de instigar seu desenvolvimento levando em conta seus anseios, desejos e sua dimensão humana.

Considerar que estes são seres que estão vivenciando uma etapa da vida que expressa-se pela construção e ampliação da sua criatividade, vivendo um processo de descobertas e envoltos em inúmeras possibilidades que devem ser levadas em conta. Portanto, num processo de formação que precisa considerar esses aspectos viabilizando uma educação significativa e que contribua para a sua aprendizagem.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- BARRETO, Maribel Oliveira. O papel da criatividade no ensino superior. In: **Diálogos & Ciência**. Revista da Rede de Ensino FTC. Ano V, n. 12, dez. 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. São Paulo: Papirus, 2008.
- LUBART, Todd. **Psicologia da criatividade**. Tradução de Márcia Conceição Machado Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MIRANDA, Simão de. **Professor, não deixe a peteca cair!:** 63 ideias para aulas criativas. Campinas: SP: Papirus, 2005.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- NASCIMENTO, Alvacy Lopes do. Em torno do conhecimento geográfico. In: ARAUJO, lindemberg Medeiros de. (org.) **Geografia, espaço, tempo e planejamento**. Ed. UFAL, 2004.
- SOUSA, Oscar C. de. Aprender e ensinar: significados e mediações. In: TEODORO, Antônio. VASCONCELOS, Maria Lucia. (org.) **Ensinar e aprender no ensino superior**: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. 2. ed. São Paulo: Mackenzie; Cortez, 2005.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

VESENTINI, J. Willian. **Sociedade e Espaço**. São Paulo, Ática, 1998.